

Nos EUA, elogios à recuperação do país

Albert Fishlow afirma que é mais provável o país crescer 5% este ano

José Meirelles Passos

Correspondente

● WASHINGTON. A economia do Brasil crescerá pelo menos 3,9% este ano, a inflação não passará dos 7%, os juros baixarão a 15%, as exportações vão crescer e o investimento estrangeiro direto também será maior. Além disso, a rolagem das dívidas será mais fácil, pois a sua amortização será US\$ 20 bilhões menor do que no ano passado. Esse retrato do país foi feito ontem na

capital americana por três analistas de mercados emergentes para uma platéia de economistas, investidores e funcionários do Governo dos Estados Unidos, marcando o primeiro aniversário da desvalorização do real.

O brasiliense Albert Fishlow, consultor da Violy, Byorum & Partners LLC, disse que o país pode crescer mais.

— Diante do que vemos no Brasil hoje, é maior a possibilidade de o país crescer 5% do que 3% este ano — afirmou,

acrescentando que os americanos se equivocam em criticar a lentidão do Congresso brasileiro. — Os parlamentares do país são mais rápidos do que os dos EUA e não existe uma oposição implacável ao Governo. O fato é que o Plano Real passou o seu teste mais difícil, que foi a mudança do regime cambial, e o fez de maneira notável. Além disso, mudou as expectativas dos brasileiros sobre a inflação.

Joyce Chang, estrategista de mercados emergentes do

Chase Manhattan Bank, afirmou que o Brasil está no topo da lista dos investidores internacionais. Segundo ela, uma recente pesquisa indicou que 62% deles preferem o país para as suas aplicações este ano. Um dos motivos seria o fato de que em 1999, apesar de tudo, a maior parte dos lucros que as empresas americanas tiveram na América Latina foi gerada no Brasil:

— O grande desafio do país agora será atingir o índice de inflação esperado pelo BC. ■